

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS-MG
CAMPUS AVANÇADO DE VARGINHA

LARISSA DE FÁTIMA SILVEIRA

**Para além de um olhar: a migração dos jovens do campo para a cidade -
estudo de caso de um bairro de São Gonçalo de Sapucaí - MG**

Varginha, MG

2019

LARISSA DE FÁTIMA SILVEIRA

**Para além de um olhar: a migração dos jovens do campo para a cidade -
estudo de caso de um bairro de São Gonçalo de Sapucaí - MG**

Trabalho de conclusão do
PIEPEX apresentado como
parte dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel
em Ciência e Economia pela
Universidade Federal de
Alfenas, Minas Gerais.
Orientadora: Vanessa Tavares
de Jesus Dias

Varginha, MG

2019

LARISSA DE FÁTIMA SILVEIRA

**Para além de um olhar: a migração dos jovens do campo para a cidade -
estudo de caso de um bairro de São Gonçalo de Sapucaí - MG**

A Banca examinadora abaixo-assinada, aprova o Trabalho de Conclusão do PIEPEX apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais. Área de concentração: interdisciplinar em ciência e economia.

Aprovada em:

Prof. (a). Vanessa Tavares de Jesus Dias

Instituição:

Assinatura:

Prof. Everton Rodrigues da Silva

Instituição:

Assinatura:

Prof. Luiz Antonio Staub Mafra

Instituição:

Assinatura:

Dedico aos meus conterrâneos,
que me despertaram o interesse
em querer entender como os
jovens veem e o que esperam
do nosso bairro.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me/nos proteger todos os dias nas idas e vindas diárias de Pouso Alegre para Varginha.

Ao meu pai Paulo, minha mãe Maria e meus irmãos Laio e Josias, por serem minha família e me fazerem continuar nesse caminho, mesmo diante de tanto cansaço e dificuldade. Aos meus pais que batalham diariamente para que nós três continuemos a estudar.

À minha orientadora Vanessa pela paciência e calma em nossos encontros, pensei em desistir várias vezes, mas o seu “vamos Larissa, vai dar certo”, me fez persistir e terminar o trabalho. Muitas vezes pensei que não daria conta.

Aos meus amigos, aqueles de infância, da van, do curso técnico, da universidade, do trabalho e aqueles demais que encontrei por onde passei, que me dizem as palavras certas nos momentos em que preciso, pela paciência de ouvirem meu pranto e sempre me encorajarem a continuar.

Ao Leonardo por sempre me ajudar quando necessitava ir para Varginha e não havia nenhum transporte.

Aos professores que passaram pela minha vida desde a Escola Municipal Bento Gonçalves Filho até nos dias de hoje na Universidade Federal de Alfenas (Varginha) e tornaram as aulas interessantes e agradáveis.

E a todos que de alguma forma me encorajaram a continuar na universidade, quando a vontade de desistir sobressaía aos demais desejos.

RESUMO

A migração do jovem rural consiste na saída dos jovens da zona rural rumo aos centros urbanos. Uma determinada literatura mostra que isso pode, nos dias de hoje, ter relação com as mudanças na estrutura social produtiva do campo, especialmente com a intensificação do agronegócio e, de certa forma, pelo aumento no uso de agrotóxicos, que vêm promovendo tanto a degradação do homem rural como a diminuição de seus empregos. Para esclarecer esta questão, especialmente com relação ao jovem, foi realizada pesquisa no campo bairro Florença, nome fictício de uma localidade rural da cidade de São Gonçalo do Sapucaí, no sul de Minas Gerais. Sendo realizada através de entrevistas breves com dez jovens e uma entrevista em profundidade com uma jovem do bairro. As conversas foram gravadas e nelas foram colocadas perguntas abertas a serem respondidas pelos entrevistados, entre elas: qual a idade; se estuda; onde estuda; se já trabalhou ou ajuda os pais em alguma atividade; se pretende fazer curso superior; em caso positivo, qual curso gostaria de fazer; quando terminar o ensino médio, o que eles pretendem fazer; do que eles gostam da zona rural. Os principais resultados, especialmente retirados da entrevista em profundidade, apontam que o jovem vê pouca oportunidade de trabalho no campo e entende os centros urbanos com melhores oportunidades de trabalho e mais opções para continuar os estudos. Além disso, é uma forma de autoafirmação; ou seja, a migração pode expressar para os jovens a capacidade que eles têm de provar aos familiares e aos demais moradores do bairro que eles conseguem enfrentar e, ao mesmo tempo, serem bem-sucedidos ao escolherem essa mudança.

Palavras-chave: migração rural, jovem rural, agronegócio, emprego, centros urbanos, São Gonçalo do Sapucaí.

ABSTRACT

The migration of the rural youth consists of the exit of the young people from the rural zone towards the urban centers. A literature shows that this can, today, be related to changes in the productive social structure of the field, especially with the intensification of agribusiness and, to a certain extent, the increase in the use of pesticides, which have been promoting both degradation of rural man as the decline of their jobs. In order to clarify this question, especially with regard to the young person, a field survey was conducted in Florence, a fictitious name of a rural town in the city of São Gonçalo do Sapucaí, in the south of Minas Gerais. Being held through brief interviews with ten young people and an in-depth interview with a young woman from the neighborhood. The conversations were recorded and asked questions open to the interviewees, including: age; if studied; where do you study; if you have already worked or help the parents in any activity; if you intend to study higher education; if so, which course would you like to do; when they finish high school, what they intend to do; than they like the countryside. The main results, especially drawn from the in-depth interview, point out that the young person sees little opportunity for work in the field and understands urban centers with better job opportunities and more options to continue their studies. Moreover, it is a form of self-assertion; that is, migration can express to young people the ability they have to prove to family members and other residents of the neighborhood that they can cope with and at the same time be successful in choosing that change.

Key words: rural migration, rural youth, agribusiness, employment, urban centers, São Gonçalo do Sapucaí.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - ESPECIFICIDADES DO TRABALHO E DO TRABALHADOR DO CAMPO	11
CAPÍTULO 2 - A REGIÃO SUL DO ESTADO DE MINAS GERAIS	14
CAPÍTULO 3 - JOVEM RURAL: ENTRE AS INCERTEZAS DO MUNDO RURAL E O MUNDO URBANO DESCONHECIDO	17
CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7 BIBLIOGRAFIA	34
ANEXOS	37

1- INTRODUÇÃO

Aquele era um lugar pequeno, de poucas famílias, com casas por toda a extensão da serra, localizado em São Gonçalo do Sapucaí, cidade do sul de Minas Gerais. À noite, as luzes das lamparinas tornavam-se pontinhos luminosos na escuridão. Os bailes arrasta-pé que existiam na casa dos vizinhos, todos os finais de semana, alegravam os jovens do bairro Florença¹. Com o passar dos anos, esse cenário foi se modificando. As famílias foram migrando para outra localização no mesmo bairro e o aglomerado de pessoas se intensificou mais próximo à rodovia e aos centros urbanos. Ainda, assim, continuou sendo um pequeno lugar. Todos se conheciam e, em muitos casos, as pessoas eram parentes umas das outras.

Mesmo depois da reorganização, as oportunidades de trabalho na localidade continuaram ligadas às fazendas de leite e café; mas, em sua grande maioria, concentravam-se no cultivo do café. Em vista de sua importância nesse tipo de produção, foi publicada na revista Vale do Sapucaí, no ano 2000², uma matéria referente ao café e leite. Como moradora do lugar, lembro que havia quatro grandes fazendas na região, sendo elas de quatro proprietários diferentes. Nas fazendas, as lavouras de café ficavam localizadas em ladeiras. Por serem locais muito acidentados, era impossível o trabalho ser realizado exclusivamente por máquinas, e, portanto, havia majoritariamente trabalho manual, exigindo força física muita intensa dos trabalhadores, constantemente expostos a todas as ações climáticas - sol, chuva, frio e calor.

Nesse bairro, eu nasci e cresci, e foi também nesse lugar que construí meus sonhos e projetos de vida. Meus pais sempre nos instruíram, a mim e a meus irmãos, a estudar e buscar um futuro melhor, pois diziam que o trabalho no campo era muito árduo e não havia uma remuneração condizente com o trabalho desenvolvido. Em 2014, comecei a trabalhar em Pouso Alegre em uma empresa privada. Durante um ano e seis meses, ia e voltava todos os dias para o bairro. Em agosto de 2015, quando iniciei os estudos na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), passei a morar em Pouso Alegre, para facilitar minhas viagens a Varginha, e frequentar as aulas. Todavia, não deixei definitivamente o meu bairro.

¹ Nome fictício do bairro que usaremos a partir de agora.

² Revista Vale do Sapucaí, Edição Comemorativa, nº 100, Dezembro de 2000.

Costumo passar todos os finais de semana com a minha família. Nesses constantes retornos, é possível verificar uma diminuição do número de jovens moradores do bairro. Florença parece, dia a dia, viver um certo esvaziamento de seu futuro.

O problema que este trabalho procurará responder tem relação direta com a minha trajetória de vida: compreender as motivações que levam a juventude rural a deixar o campo, mais especificamente, a juventude do bairro onde vivi. Foram feitas entrevistas breves com dez jovens e uma entrevista em profundidade com uma jovem que, hoje, está no terceiro ano do ensino médio. Geralmente, é nesse momento que os jovens migram em busca de oportunidades para cursar o ensino técnico e superior e/ou buscar oportunidades de trabalho. Desta forma, o grande desafio desta pesquisa é encontrar respostas para processos sociais mais amplos, sem que a minha história individual se sobreponha aos fenômenos coletivos e estruturantes das relações sociais no campo. Mas, ao mesmo tempo, o trabalho busca fazer com que as descobertas da investigação, relativas ao problema de pesquisa, auxiliem a compreensão de minha biografia como parte da história da juventude rural, no contexto atual. Tratar-se-ia, portanto, de compreender os processos coletivos para entender o particular e compreender o particular como inserido nos fenômenos coletivos.

O trabalho está dividido em seis partes. Depois dessa introdução; traremos o assunto das especificidades do trabalho e do trabalhador do campo; no segundo capítulo será abordado o trabalho rural no sul de Minas, falando brevemente dos problemas enfrentados com o uso de agrotóxicos; no terceiro capítulo, trataremos do conceito da juventude e as referências bibliográficas dos problemas enfrentados pelos jovens do campo; no quarto capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho; no quinto capítulo, faremos a análise das entrevistas realizadas com jovens locais; por fim, apresentaremos algumas conclusões possíveis.

CAPÍTULO 1 – ESPECIFICIDADES DO TRABALHO E DO TRABALHADOR DO CAMPO

Até o início dos anos de 1960, não existiam, para os trabalhadores do campo, certos direitos trabalhistas, como carteira assinada e salário mínimo. Cada produtor pagava um salário que via como “justo” pelo trabalho executado, que, normalmente, eram salários extremamente baixos. Foi somente no governo de João Goulart que foi instituída a lei nº 4.214/63, na qual se confere direitos para o trabalhador rural, entrando em vigor no ano de 1963. Antes disso, tais trabalhadores não tinham esses direitos que já haviam sido adquiridos pelos trabalhadores urbanos (FERRANTE, 1976). Na mesma lei, o trabalhador rural era definido como, “toda pessoa física que presta serviços a empregador rural, mediante salário pago em dinheiro ou *in natura*, ou parte em dinheiro e parte *in natura*” (LAMARÃO; MEDEIROS, s/d).

Foi a partir de então que os direitos mínimos passaram a ser obrigatórios. Mas foi apenas dez anos depois que houve a criação de uma lei que enquadrava os trabalhadores rurais à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que foi a Lei nº 5.889/73, que revogou a lei anterior. Nessa nova lei, o trabalhador rural passa a ser definido no “Art. 2º. Empregado rural é toda pessoa física que, em propriedade rural ou prédio rústico, presta serviços de natureza não eventual a empregador rural, sob a dependência deste e mediante salário”, abrangendo também outras questões que não estavam compreendidas na CLT. Em 1988, com a Constituição Brasileira, os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais foram unificados (LAMARÃO; MEDEIROS, s/d).

Além de ter tido negada a igualdade jurídica em relação aos trabalhadores urbanos durante muitas décadas, e mesmo que a legislação assegure hoje direitos trabalhistas aos trabalhadores do campo, estes têm tido garantias sociais descumpridas ao longo da história.

Hoje, é possível afirmar que um dos aspectos que mais atinge o trabalhador rural na direção de uma precariedade do seu trabalho são as mudanças mais amplas a partir do modelo de produção do agronegócio. Conforme definido por Fernandes (FERNANDES, 2008 *apud*, PESSOA E RIGOTTO, 2012), o agronegócio é um complexo de sistemas que compreende agricultura, indústria, mercado e finanças, formando um modelo controlado por corporações, que geralmente está associado à exploração do trabalho e à contaminação ambiental, pelo uso excessivo de defensivos agrícolas. Muitos trabalhadores se intoxicam com tais produtos e desenvolvem doenças em decorrência disso (PESSOA; RIGOTTO, 2012).

Com a intensificação desse novo modo de produção e das inovações tecnológicas, o homem do campo compete diretamente com as máquinas. Sua produção deve ser equivalente ao que a máquina produz para tornar aquele emprego viável para o grande latifundiário (PEREIRA, 2007). Uma competição que tem degradado muito a saúde desses trabalhadores, como o caso exposto no artigo de Silva e Menezes (2007), que exemplificam que o indivíduo que vai para a colheita da cana de açúcar precisa ter uma produção diária de 10 toneladas de cana para que consiga o seu emprego. Porém com 30 anos já não são mais produtivos, por conta do desgaste físico sofrido na época da colheita.

A nova forma de produção agrícola, trazida pelo agronegócio, conforme é apresentada por Mendonça (2002), “precarizou” o trabalho no campo e contribuiu para o aumento da degradação ambiental. A relação do homem do campo com a natureza era de certa forma harmoniosa, as culturas tinham sua época certa de produção, sendo assim o uso de fertilizantes químicos era muito baixo ou inexistente. Com a produção em massa de produtos agrícolas, grandes áreas foram ainda mais degradadas. O solo quase infértil necessita de nutrientes para produzir e os mesmos foram exauridos do solo. Dessa forma, para tornar possível a produção das diversas culturas, são inseridos adubos químicos na plantação (BERNAL; MARTINS, 2015, p. 23). A vida natural que existia acaba se extinguindo, o número de pragas vem aumentando com o uso desenfreado dos defensivos agrícolas e estimula o consumo mais e mais (SOARES, 2010).

Os mais afetados com essa mudança na produção são aqueles que estão expostos no seu dia a dia com contato direto com diversos produtos químicos (BERNAL; MARTINS, 2015, p. 65). No bairro de Florença, quando a utilização das máquinas era muito menor, o café passava pelo processo de secagem em locais chamados “terreiros”, nos quais o café ficava exposto à luz solar e os grãos secavam ao natural, apenas com o auxílio do sol. Atualmente, a forma de secagem dos grãos é realizada através de secadores (locais que o café fica circulando, é inserido calor no sistema para ajudar na secagem e esse processo é obtido através da queima de madeira ou palha de café). É possível observar e sentir, nos meses de maio a agosto, a fumaça produzida pela fazenda de café mais próxima, oriunda da queima, para gerar calor no processo.

Segundo Malagodi e Marques (2007), por conta dessa mudança, muitas pessoas ficaram sem empregos nas áreas rurais. A maioria das lavouras antigas foi arrancada para um novo plantio, onde a colheita seria realizada de forma mecanizada. Os proprietários de fazendas não têm como objetivo cultivar em áreas de difícil acesso e que demanda muita mão de obra para os cuidados com a lavoura. Com isso, atualmente para esses trabalhos mais difíceis, os proprietários entregam parte ou todo o cultivo para *meeiros*³. Com a mecanização na época da colheita, a demanda por mão de obra reduziu significativamente. Segundo os mesmos autores (2007), devido a tantas mudanças que aconteceram no campo, a população rural se viu sem opção, tendo ela que buscar oportunidades de emprego em outros lugares. Atualmente, muitos trabalham na cidade e moram na zona rural, indo e voltando para o centro urbano todos os dias.

Os trabalhos conseguidos nos centros urbanos pelas pessoas que saem das localidades rurais, muitas vezes, são precários, ou seja, pouco qualificados, mal remunerados, informais, sem registro em carteira, sem horário fixo. As mulheres trabalham de domésticas em casas de família, em padarias, como atendentes em lojas, entre outros trabalhos que não exijam formação do ensino médio completo. Muitas dessas pessoas deixam de estudar cedo para ajudar a melhorar a renda familiar (ROSAS, 2007). Já os homens vão para outras regiões na época da safra de café, ou quando tem algum conhecimento específico em outras áreas, trabalham também como pedreiros, serventes, jardineiros, entre outras atividades (PEREIRA, 2007).

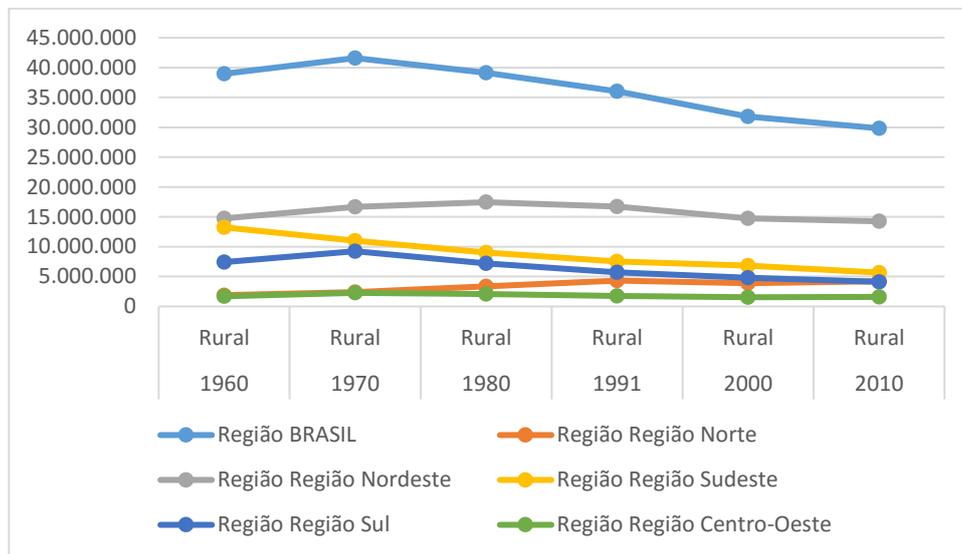
Sendo assim, é possível perceber que há uma migração para trabalhos urbanos pouco qualificados, que são aqueles onde esses trabalhadores estão conseguindo se colocar no mercado de trabalho. Em alguns casos, muitos migrantes acabam ocupando as periferias dos centros urbanos, por não conseguirem arcar com todas as despesas em localidades mais centrais (PEREIRA, 2007).

A demanda e a oferta de trabalho influenciam a migração rural de uma forma geral, tantos dos jovens como dos adultos com mais de 29 anos; a falta de trabalho tem grande importância nos processos de mudança de residência das pessoas

³ Segundo o *Dicionário Michaelis*, meeiro significa “Lavrador que planta em sociedade com o dono do terreno, pelo sistema de meia”. *Dicionário Michaelis*, Dicionário escolar de língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

(ALVES, 1995). No Gráfico 1, é possível observar que a população rural brasileira, em cinquenta, anos diminuiu consideravelmente, de 38.987.526 habitantes em 1960, para 29.830.007 habitantes em 2010, de acordo com dados do IBGE.

Gráfico 1: Evolução da População Rural 1960-2010



Fonte: IBGE

Em Minas Gerais, região onde o município tratado no trabalho está inserido, a situação não é diferente da do restante do Brasil. A região sudeste foi a que apresentou uma maior queda na população rural.

CAPÍTULO 2 - A REGIÃO SUL DO ESTADO DE MINAS GERAIS

O Sul de Minas Gerais, atualmente, é conhecido pela grande produção de café. Mas nem sempre foi assim. Há muitos autores que estudaram o tema e muitas teorias foram trazidas para explicar quando este estado ficou conhecido pela produção de café. Caçõ (2012) cita algumas teorias, entre as quais a de Singer (1968), que acredita que a cultura cafeeira sul mineira tenha sido originada do Vale do Paraíba Paulista. Já Martins e Martins (1994) afirmam que a expansão do café no Sul de Minas se deve à desorganização da produção cafeeira na Zona da Mata. Outro autor chamado Filletto (2000) não concorda com as teses anteriores e traz a sua própria, na qual considera que as lavouras do sul de Minas Gerais percorreram dois caminhos distintos: para os cultivos da região das cidades de Passa Quatro,

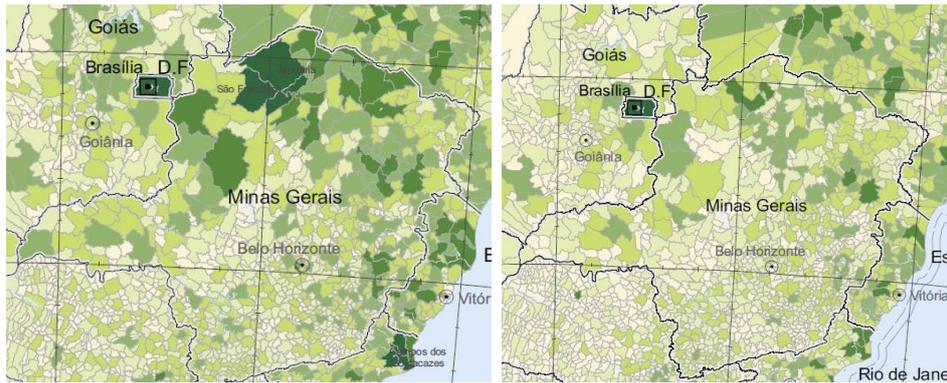
Itanhandu, Itajubá, Três Pontas, entre outras regiões do sul de Minas, o café tem origem no Rio de Janeiro; apenas na região de Poços de Caldas é que o café é originário de São Paulo.

Um dos fatores que trouxe a expansão da produção no Sul de Minas é que havia a associação do trabalho escravo com o trabalho livre; ou seja, ambos ocorriam ao mesmo tempo. Isso trouxe muitos migrantes para a região, que vinham de regiões mais pobres em busca de uma melhor renda. Alguns vinham e se instalavam, não voltando mais para seu lugar de origem, e outros vinham na época da colheita e voltavam para sua residência fixa (CAÇÃO, 2012).

Em poucas décadas, o sul do estado se tornou um polo central da produção do café, tendo destaque na economia relacionada à exportação do grão (CAÇÃO, 2012). Diversas cidades do Sul de Minas cresceram muito com a cafeicultura, que foi a responsável por povoar os bairros rurais. Mas, pode-se notar que as comunidades vivenciaram diversas mudanças com o passar dos anos. As comunidades rurais eram mais povoadas, pois a atividade na cafeicultura exigia muita mão de obra humana, a colheita era realizada de forma manual, e também todos os outros processos para produção do café exigiam apenas a força de trabalho humana, quase não eram utilizadas máquinas para desenvolver os processos. Com a inovação tecnológica isso se modificou (FILLETO; ALENCAR, 2001). Podemos observar a diminuição da população rural nos mapas abaixo. Em 19 anos, não há mais regiões em Minas com mais de 50.000 habitantes em áreas rurais. Pode-se observar a diminuição da população rural. De acordo com a legenda, o verde mais escuro representa áreas com a população acima de 50.000 habitantes e conforme a tonalidade vai ficando mais clara, menores são as populações rurais. No Anexo I, segue imagem completa dos mapas.

1991

2010



Desde 1970, a forma de produção rural vem modificando-se através da intensificação do uso de tecnologias, inserção das máquinas e adequação das culturas ao tipo de clima e solo (CLEMENTE; GOMES, 2011) e, com isso, um aumento no uso de agrotóxicos. No dossiê da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) o tema do aumento do uso dos agrotóxicos foi trazido através de estudo realizado por Soares, Almeida e Moro (2003) referente ao período entre 1991 e 2001. Segundo os autores, no estado de Minas Gerais foi detectado um alto grau de risco de agravos à saúde a que estão sujeitos trabalhadores rurais em contato com agrotóxicos. 50% dos entrevistados, encontravam-se moderadamente intoxicados.

O agronegócio vem contribuindo para o crescente aumento da utilização desses insumos agrícolas, pois a partir da transformação dos produtos agrícolas em *commodities*, a produção desses produtos cresceu muito na última década. Outro fator que também contribuiu para isso, foi a utilização de alimentos como combustível. Em outras palavras, se antes os alimentos eram consumidos apenas como alimentos, atualmente, os alimentos também estão sendo produzidos para gerar energia, como por exemplo, o álcool produzido a partir da cana de açúcar, iniciando a produção em “massa” (BOMBARDI, 2012). Isso deixa de lado a relação do homem com a terra, não levando em consideração o que aquele trabalho representa para ele. Para o agricultor familiar, a agricultura não é apenas uma fonte

de renda; há um modo de vida onde ocorre personalização dos vínculos sociais (BERNAL; MARTINS, 2015, p. 23-25).

Tal ligação do homem com a terra é melhor exemplificada através da agricultura familiar. Essa forma de produção é distinta da não familiar, pois o camponês não vê a terra somente para a produção de mercadoria, e sim a partir de fatores subjetivos existentes nesse ambiente. Desta forma, a substituição das práticas tradicionais, utilizadas no manejo da terra, por inovações tecnológicas advindas do agronegócio, vão mudando o cenário do campo e a relação do homem com a terra (BERNAL; MARTINS, 2015, p. 21 – 27).

Davis e Goldberg (1957 *apud* WELCH E FERNANDES, 2008), definem o agronegócio como um complexo de sistemas caracterizado pela diminuição do controle da produção pelo agricultor. As atividades do agricultor resumem-se ao momento da produção e ele depende de empresas e intermediários para dar-lhe suporte (fornecimento de insumos, máquinas, técnicas de produção) e para a venda e transformação da produção, alongando o circuito e diminuindo os lucros e a independência do agricultor. O movimento deste complexo e suas políticas formam um modelo de desenvolvimento econômico controlado por corporações transnacionais (WELCH; FERNANDES, 2008, p.165). Segundo Welch e Fernandes (2008), o agronegócio é controlado pelo capital e tem dominado tecnologias e políticas agrícolas.

CAPÍTULO 3 – JOVEM RURAL: ENTRE AS INCERTEZAS DO MUNDO RURAL E O MUNDO URBANO DESCONHECIDO

De acordo com o censo realizado pelo IBGE em 2010 (IBGE, 2010), a população rural no Brasil é de 29.830.007 habitantes, correspondendo a 16,64% da população total do Brasil, sendo a população rural jovem no mesmo período de 7.822.452 indivíduos, considerando como jovens aqueles que têm idade entre 15 e 29 anos, de acordo com a classificação elaborada pelo IBGE. Os jovens rurais representam aproximadamente 15,3% da população jovem do Brasil. Segue abaixo a Tabela 1 com o número total de jovens residentes no Brasil e os que residem em área rural:

Tabela 1: População jovem no Brasil

**População jovem no Brasil - Censo
2010**

Idade	Situação do domicílio	
	Total	Rural
15 a 19 anos	16.990.872	2.951.871
20 a 24 anos	17.245.192	2.539.124
25 a 29 anos	17.104.414	2.331.457
Total	51.340.478	7.822.452

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Já a população jovem rural do Sul/Sudeste de Minas, representa aproximadamente 17,40% da população total da região.

Tabela 2: População jovem do Sul/Sudoeste de Minas

**População jovem do Sul/Sudoeste de Minas
- Censo 2010**

Idade	Situação do domicílio	
	Total	Rural
15 a 19 anos	206.261	38.187
20 a 24 anos	203.314	33.768
25 a 29 anos	201.322	34.302
Total	610.897	106.257

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

O jovem pode ser definido de diversas formas. Brumer (2012) observa a existência de um consenso sobre o sujeito jovem nas falas de Bourdieu e Durston. Bourdieu, segundo a autora (idem), afirmará que entre juventude e velhice há uma fronteira determinada, aberta a redefinições pelos sujeitos sociais em todas as sociedades. Durston, por sua vez, ainda segundo Brumer (idem, p. 35), dirá que “a fase juvenil se caracteriza por uma gradual transição até a assunção plena dos papéis adultos em todas as sociedades, tanto rurais como urbanas”.

No mundo rural, a vida dos jovens é marcada pelas relações que os mesmos têm com os familiares e com os demais membros da comunidade, trazendo um

entendimento dessa família como uma comunidade afetiva (WANDERLEY, 2007). De modo geral, existe uma forma semelhante entre os jovens urbanos de viver. Todavia, o jovem rural vive mais fortemente uma sociabilidade voltada para interesses coletivos. Eles não ficam preocupados apenas com problemas individuais, pensam em si, mas, também, naquela comunidade como um todo. E, por conta disso, almejam condições financeiras melhores para que consigam ajudar a família e, em alguns casos, o conjunto da comunidade (WANDERLEY, 2007).

Impulsionados pelas necessidades de realização pessoal, os jovens veem o campo como algo muito carente do que eles esperam. Tal carência está relacionada à falta de emprego, que atualmente o campo está passando, levando os jovens a terem que migrar para regiões com mais ofertas de trabalho, para que consigam atender as suas expectativas básicas, como estudar, poder comprar suas roupas, sapatos, produtos de higiene pessoal e proporcionar uma melhora na qualidade de vida dos familiares (FREIRE; CASTRO, 2007). No entanto, é importante destacar que, atualmente, o cenário dos centros urbanos não está tão diferente do campo. No primeiro trimestre de 2019, segundo dados do IBGE⁴, 1,2 milhão de pessoas entraram para as fileiras dos desempregados. A taxa de desocupação chegou, em maio do mesmo ano, a 13,4 milhões de pessoas à procura de emprego, correspondendo a 12,7% de desempregados. No quadro abaixo, é possível verificar a taxa de desemprego total de 2012 aos primeiros meses de 2019.

Quadro 1⁵ – Taxa de Desocupação – Brasil – 2012/2019

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
nov-dez-jan		7,2	6,4	6,87	9,5	12,6	12,2	12,0
dez-jan-fev		7,7	6,8	7,4	10,2	13,2	12,6	12,4
jan-fev-mar	7,9	8,0	7,2	7,9	10,9	13,7	13,1	
fev-mar-abr	7,8	7,8	7,1	8,0	11,2	13,6	12,9	
mar-abr-mai	7,6	7,6	7,0	8,1	11,2	13,3	12,7	
abr-mai-jun	7,5	7,4	6,8	8,3	11,3	13,0	12,4	
mai-jun-jul	7,4	7,3	6,9	8,6	11,6	12,8	12,3	
jun-jul-ago	7,3	7,1	6,9	8,7	11,8	12,6	12,1	

⁵ Cf. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24283-desemprego-sobe-para-12-7-com-13-4-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-trabalho>. Acesso em: 20 jun. 2019

⁶Cf. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24109-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-12-4-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-24-6-no-trimestre-encerrado-em-fevereiro-de-2019>. Acesso em: 19 jun de 2019.

jul-ago-set	7,1	6,9	6,8	8,9	11,8	12,4	11,9
ago-set-out	6,9	6,7	6,6	8,9	11,8	12,2	11,7
set-out-nov	6,8	6,5	6,5	9,0	11,9	12,0	11,6
out-nov-dez	6,9	6,2	6,5	9,0	12,0	11,8	11,6

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

Quando os jovens chegam aos centros urbanos, percebem que a realidade que encontram não era, exatamente, o que eles esperavam. Com essa taxa de desemprego mais elevada também nos centros urbanos, é provável que os jovens não encontrem o emprego que almejam.

Apesar da infinidade de opções de trabalho que os centros urbanos podem ofertar, e das intempéries da vida fora do campo, os jovens sentem mais falta do estio familiar. Os familiares, na maioria dos casos, não podem acompanhá-los na aventura pelo novo ambiente social. Nos estudos voltados para a migração da juventude rural (PEREIRA, 2007; SILVA, MENESES, 2007; ROSAS, 2007), é mostrado nitidamente que esse é o principal fator que deixa os jovens em dúvida de qual caminho tomar. A dor da partida ou do breve “até logo”, é o que os prende naquele lugar. Desta forma, sempre saem do campo com a intenção de um dia voltar, pois seu alicerce está ali, enraizado junto da família, no lugar onde nasceu e que lhe ajudou no desenvolvimento como ser humano.

O texto de Pereira (2007) traz como problemática os aspectos que os jovens vinculam aos sonhos e desejos de conquistar um padrão de vida melhor para si e para sua família. A migração e a experimentação do mundo são vislumbradas como instrumentos mais adequados à realização dos sonhos e à própria manutenção do lugar de origem. Já Silva e Meneses (2007) mostram que os jovens são divididos entre o ir e ficar. Fatores como a família, os amigos, a calma e a tranquilidade do município, além das festas próprias do lugar, são fatores de atração; a falta de alternativas de trabalho, que venha suprir a pouca rentabilidade da agricultura, funciona como elemento de expulsão. Há outro aspecto que merece destaque. Weisheimer (2007), em artigo sobre agricultura familiar, chama a atenção para o fato de que os filhos do sexo masculino são criados e instruídos para ficar no campo; já

as filhas são estimuladas a sair do campo para conquistarem sua realização pessoal e profissional, pois as mulheres são as últimas na hierarquia social⁶.

Quando é possível, os jovens se esforçam e vão para os centros urbanos para estudar, pois, na maioria das áreas rurais, não há escolas com disponibilidade para ficar ali até o ensino médio (ROSAS, 2007). A partir dessa fase educacional, os jovens precisam se deslocar até a cidade para conseguir continuar os estudos e concluir o ensino médio; e, em alguns casos, cursar posteriormente um curso técnico e/ou um curso superior. Quanto mais se distanciam do meio rural, os interesses urbanos vão surgindo. Segundo Wanderley (2007), os jovens veem os centros urbanos como espaços onde haveria maiores oportunidades de trabalho e de realização social. Praticamente, tudo o que eles precisam, as cidades conseguem lhes oferecer: diversidade de atrativos de lazer, maiores oportunidades para estudar e trabalhar.

É possível observar, em minhas idas ao bairro Florença, que a juventude já não povoa o bairro da mesma forma que no passado. Uma grande parte migrou para outros lugares. Aqueles que ainda se mantêm no campo conseguem frequentar a escola até o 9º ano, numa escola do bairro. Todavia, a partir do primeiro ano do ensino médio, precisam ir para o centro urbano, da cidade de São Gonçalo do Sapucaí, para prosseguir com os estudos. Posteriormente, se tiverem interesse e oportunidade, podem cursar o ensino superior em outros centros urbanos de outras cidades, tendendo, cada vez mais, a se distanciar do bairro.

O “esvaziamento” do campo tem relação com as inovações tecnológicas no campo, que levaram a mudanças na forma de trabalho e na vida das famílias rurais (FILLETO; ALENCAR, 2011). O camponês, de certa forma, tinha seu espaço e sua forma de viver de uma maneira mais livre, com opções de trabalho na terra, mesmo não tendo uma remuneração tão elevada, conseguia viver e manter sua família e vivia tranquilamente com o pouco que tinha para o consumo (CRUZ, 2008). Além disso, muito do que necessitava para a sua sobrevivência, produzia no próprio

⁶ As filhas ocupam a posição mais baixa da hierarquia social, pois não exercem nenhuma atividade sob sua responsabilidade exclusiva, sempre são supervisionadas por alguém, no trabalho agrícola são supervisionadas pelo pai, mãe ou irmão, e nas tarefas domésticas são supervisionadas pela mãe. Os primeiros na hierarquia social são os filhos. Os pais incentivam as filhas a estudarem, pois o papel de sucessora da unidade familiar não é designado a elas, por conta disso, as mesmas devem se dedicar aos estudos para conseguir sua realização pessoal e profissional (WEISHEIMER, 2007, p. 246).

quintal, suas hortaliças, o leite, a carne e quase todos os vegetais. Apenas algumas coisas não poderiam ser produzidas no campo, como, por exemplo, o querosene para abastecer a lamparina e os mantimentos (alimentos), que eram comprados nas “vendas” (CRUZ, 2008).

Com a intensificação do agronegócio, grandes produtores tradicionais declararam falência e venderam suas propriedades. Assim sendo, grandes empresários dos centros urbanos, vieram para o campo a fim de intensificar o agronegócio da região, que mudou completamente o modo de produção, deixando de trabalhar com leite e reduzindo as lavouras de café, onde é difícil a colheita mecanizada. Fazendas, que empregavam diversas pessoas atendendo à grande demanda de mão de obra humana, que era necessária para o desenvolvimento das atividades, atualmente introduziram máquinas, tratores e implementos agrícolas que não demandam tanta mão de obra humana (BERNAL; MARTINS, 2015, p. 27). A máquina, ou trabalho morto, conforme Marx (2013), possibilita aumento da lucratividade dos produtores, em detrimento dos custos próprios do trabalho vivo - força de trabalho humana no cotidiano da produção. Isso reduz o valor dos bens produzidos.

CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pergunta ou problema desta pesquisa é: por que os jovens rurais do bairro Florença têm escolhido migrar para os centros urbanos, deixando para trás o trabalho no campo?

Os sujeitos da pesquisa são jovens moradores desse bairro, que fica na região rural da cidade de São Gonçalo do Sapucaí, localizada no sul de Minas Gerais. O objetivo geral é compreender a trajetória pessoal e profissional da juventude rural. O objetivo específico é compreender os motivos da migração a partir da narrativa de uma jovem rural, em particular, moradora do bairro descrito acima.

Em síntese, buscamos compreender as motivações que, hoje, são responsáveis pela migração de jovens rurais do Bairro Florença¹, que buscam oportunidades de emprego nos centros urbanos. A resposta para a pergunta inicial será respondida, especialmente, a partir da narrativa de uma jovem moradora, que

chamaremos aqui de Joana. A hipótese é que a migração tem relação com a falta de oportunidade de trabalho no campo para a juventude rural.

Para desvendar o problema da pesquisa, realizei entrevistas breves, com aproximadamente cinco minutos de duração, com dez jovens, moradores do bairro, com vistas a realizar uma exploração do campo. Posteriormente, escolhemos uma jovem “típico-ideal”⁷ para realizar entrevista em profundidade. A partir dessa entrevista, encontramos alguns aspectos, não generalizantes, mas que apontam para algumas motivações e possibilidades de pesquisas futuras.

Na fase exploratória, conversei com dez jovens do bairro, nos dias 19, 20 e 21 de abril de 2019, na faixa etária de 17 e 18 anos, sendo 5 meninas e 5 meninos. As conversas foram gravadas e duraram em média cinco minutos. As entrevistas foram realizadas na casa dos(as) jovens. Somente em um dos casos, não foi possível realizar a entrevista na sua casa, a qual ocorreu em uma rua do bairro. Foram realizadas perguntas objetivas: qual a idade; se estuda; onde estuda; se já trabalhou ou ajuda os pais em alguma atividade; se pretende fazer curso superior; em caso positivo, qual curso gostaria de fazer; quando terminar o ensino médio, o que eles pretendem fazer; do que eles gostam da zona rural; o que eles veem como precário na zona rural; como eles veem a zona urbana; quais seriam os fatores positivos e negativos do bairro; se têm algum sonho para desenvolver junto à comunidade onde vivem.

A entrevista em profundidade realizada com uma jovem desse grupo teve duração de aproximadamente uma hora, quando conversamos na casa dos meus pais. A mesma também foi gravada. No dia da entrevista, além de nós duas, estavam presentes o seu namorado e outras pessoas que estavam na casa. A entrevista foi feita no quarto, apenas com a presença do namorado dela, que não participou diretamente da conversa. Para que ficasse mais à vontade, fui realizando as perguntas ao longo da conversa, para que ela pudesse falar mais sobre os fatos que marcaram sua vida, começando desde quando iniciou os estudos no pré-escolar na escola rural, até quando fez a transição para a escola no centro urbano.

⁷ Weber elabora o modelo típico-ideal como um modelo abstrato que, quando usado como padrão de comparação, permite-nos observar aspectos do mundo real de uma forma mais clara e mais sistemática (JOHNSON, 1997). No caso deste trabalho, o “tipo ideal” é apenas uma inspiração para a formulação metodológica, porque seria necessária uma análise mais extensa e horizontal para se chegar ao sujeito histórico buscado pelo autor alemão.

Conforme a entrevista avançava, abordei outras questões: como é sua relação com a família; como está sendo sua experiência em trabalhar em empresa não agrícola; quais experiências de trabalho já teve; quais foram as mudanças que observou na área rural; como espera que seja sua migração; por que tem interesse no curso de pedagogia.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Ouvir outras pessoas falarem como é viver na zona rural, como elas veem o local e quais são as suas expectativas me afetou em diversos momentos. De certa forma, me vi em algumas falas, me surpreendi com outras, e precisei controlar minhas opiniões para não influenciar as respostas. Como sou do bairro, tenho uma visão de tudo que eles falaram. Mas, a forma como eu vejo tudo isso, a partir de minha experiência, é apenas uma em relação aos jovens que vivem lá. Ainda que minha experiência individual tenha influenciado as escolhas dessa pesquisa e esta análise, ela não pode ser determinante para a compreensão do fenômeno mais amplo, que extrapola as questões pessoais. Além disso, dois aspectos me diferenciam dos entrevistados: o fato de já ter migrado e de frequentar o bairro apenas nos fins de semana.

Os dez jovens entrevistados inicialmente ajudaram na produção de uma panorâmica sobre aquela realidade. Levando em consideração a sua idade, todos/as deveriam estar cursando o 3º ano do ensino médio. Todavia, dois meninos me informaram que não estão frequentando a escola. Um deixou os estudos para trabalhar e ajudar nas despesas de casa, e outro disse que interrompeu os estudos por motivo de mudança de cidade. Entre as meninas, apenas uma não está estudando, pois acabou de se tornar mãe. De uma forma geral, o que se pode observar nas respostas é que eles/elas gostam mais da área rural, identificando essa área como mais tranquila e por poderem ali viver junto da família. Ao mesmo tempo, veem os centros urbanos como aqueles que concentram melhores oportunidades de trabalho, com mais opções de lazer e com mais facilidade para fazer coisas simples, como ter acesso a supermercados, bancos, correios e

hospitais. Porém, acreditam haver nesses locais, problemas relativos à violência, trânsito, poluição auditiva e o fato de ficarem longe dos familiares.

Os dez entrevistados deixam claro nas suas falas que se o campo oferecesse oportunidades de trabalho e de continuar estudando, eles não migrariam para outra localidade. Entre as profissões almeçadas pelas meninas estão os cursos de engenharia agrônômica, enfermagem, pedagogia, nutrição e administração. Já entre os meninos, apenas dois pretendem fazer curso superior, um de engenharia mecânica e o outro de engenharia elétrica, caso ele não consiga uma vaga nas forças armadas. Os outros três não têm vontade de estudar: um quer trabalhar em supermercado, outro quer trabalhar como bombeiro militar e o outro disse que nunca pensou nisso, que vê um curso superior como algo muito distante da sua realidade, mas, como gosta de ver policiais em ação, talvez, se tivesse oportunidade, seria policial.

Dos dez entrevistados, todos querem migrar, talvez não imediatamente após a conclusão do ensino médio, mas assim que tiverem oportunidade. Com a falta de oferta de trabalho no bairro, eles não têm opção de emprego. Os meninos já ajudaram os pais na colheita do café, mas disseram que não gostaram, porque, segundo eles, “o sol é muito quente”, “o trabalho é muito pesado”. As meninas auxiliam as mães nas atividades domésticas para as mesmas poderem trabalhar. Quando têm irmãos menores, cuidam deles também, tendo responsabilidades desde muito novas. Não veem oportunidades para continuar morando no bairro Florença. Querem independência financeira, mas demonstram medo de não conseguirem suprir suas necessidades quanto ao lazer, trabalho e educação nos centros urbanos.

Além disso, as entrevistas, ainda que rápidas, trouxeram alguns aspectos para compreensão sobre como eles “enxergam” o bairro. Em muitos casos, eles avaliam que sofrerão com a partida por ter que deixar os familiares. Outro aspecto que se repetiu nas falas, tanto das jovens do sexo feminino quanto dos jovens do sexo masculino, é que eles têm repúdio aos barulhos da cidade ou poluição auditiva. Quando perguntados sobre qual o ponto negativo encontrado nos centros urbanos, eles responderam:

Entrevistado 1 – O caos... Muito barulho...

Entrevistado 2 – Barulho... Ai, odeio aqueles carros de manhã fazendo barulho, aquela barulhada toda, nossa... não aguento!

Entrevistado 3 – Aaaa... O barulho né!

Entrevistado 7 – [...] Aaaaa do som, o som é muito alto!

Entrevistado 9 – [...] Tipo o barulho da cidade, assim... Me irrita bastante... (risos)

Entrevistado 10 – Acho que é mais o fluxo, sabe?... O barulho... até acostumar...

Tive algumas dificuldades para realizar a pesquisa de campo e falar com esses jovens. Isto se deve ao fato de que estou no bairro apenas nos finais de semana e tenho outras atividades para realizar nesses dias. Com isso, não sobrava muito tempo para me dedicar por completo às entrevistas. Quando procurava pelos jovens, alguns me recebiam muito bem, não se importando em responder as perguntas, e outros só respondiam a perguntas objetivas, não demonstrando muito interesse em prosseguir com a conversa, perguntando diversas vezes se já estava acabando. Com outros, precisei conversar andando atrás deles, pois saíam e me deixavam falando sozinha, não queriam responder. Como não dispunha de muito tempo para a atividade de campo, tomei como ponto de partida essas dez primeiras entrevistas e escolhi uma jovem “típico-ideal” que, ao meu ver, foi a que mais demonstrou interesse pelo trabalho e estava mais disposta a conversar. Convidei-a para ir um dia na casa dos meus pais para conversarmos melhor. Portanto, como apresentado na metodologia, a entrevista foi feita na casa dos meus pais. Na ocasião, conversamos no quarto na presença de seu namorado, que não fez nenhum comentário durante o encontro. Havia outras pessoas na casa, em outros cômodos, mas que também não participaram a conversa. A entrevista pautou-se por perguntas abertas e durou aproximadamente uma hora. Joana discorreu sobre vários assuntos. Os mais relevantes foram: a mudança da escola, o curso de qualificação do Jovem Aprendiz, suas impressões sobre as cidades e sobre a sua família.

Joana tem 18 anos, mora com a mãe, irmão e padrasto. Está cursando o terceiro ano do ensino médio numa escola estadual num centro urbano. Ela contou que saía de casa às 6h20 e retorna 12h30, isso até duas semanas antes da entrevista. Pois, a partir de então, ela iniciou um trabalho no programa Jovem Aprendiz, em um supermercado, no centro urbano onde estuda. Com isso, após o horário da escola, a entrevistada frequenta um curso de formação profissional na

segunda-feira e, nos demais dias da semana, desenvolve a parte prática do que aprendeu no curso de Jovem Aprendiz. A partir do início do curso, ela passou a ir para casa na van que transporta as pessoas do bairro que trabalham no centro urbano, chegando em casa às 19h30. As suas expectativas são de estudar na cidade e tornar-se professora de educação infantil.

Um tema que chamou a atenção, que não havia surgido na fala dos jovens entrevistados na primeira fase da pesquisa, é que ela passa uma parte da conversa falando sobre a sua experiência escolar. Quando ingressou na escola da área urbana, percebeu que os colegas do seu bairro eram alocados pela própria escola na mesma sala. Além disso, os próprios colegas de turma estabeleciam uma segregação informal ao “não se misturar” com os estudantes do campo.

L – Como foi sua mudança de escola? De uma escola rural para uma escola no centro urbano?

J – Quando eu entrei no primeiro ano mesmo, [...] Ficou, tipo... a minha turma e a turma da cidade, a sala ficou dividida, tipo... o povo do centro urbano odiava a gente! Até eles, tipo... Foi lá (na direção da escola) falou que a gente tinha pegado prova, tipo... Acusando a gente... Só que o bom... tipo... a gente daqui, a gente era unido, se um tinha dificuldade, o outro ajudava, sempre ajudava naquela dificuldade do outro, sempre foi assim... Agora no terceiro ano, é um ajudando o outro, isso afetava o povo do primeiro ano, até que nossa sala ficou dividida, ficou assim... Uma turma daqui e uma turma da cidade, porque nós não conversávamos com a turma do outro lado.

L – Porque você acha que eles acusaram vocês de ter roubado a prova?

J – eles acham tipo... Quando a gente estudou aqui (zona rural), chegou lá na escola do centro urbano... Muita coisa que a gente sabia daqui! Eles não sabiam lá, a gente já tinha visto... Coisa de história mesmo, que eles falavam que nunca tinham ido, tipo...Ouro Preto, São João Del Rei, Mariana, nós já fomos (risos), Tipo... eles acham impressionante isso [...] Quando eu entrei no primeiro ano lá mesmo. Eles muito julgou a gente! Coisa que a “Dona” estava passando a gente já tinha visto com o professor de história da zona rural, ele já tinha passado. Elas passavam as coisas, tipo... de Mariana nós já sabíamos, porque agente vivenciou isso, o professor levou a gente pra ver e pra conhecer. Aí, tipo... Quando tira nota, assim boa, assim... A roça está tirando nota melhor que o povo da cidade, eles acham que é influencia isso, que não pode.

L – E porque você acha que nós não podemos tirar notas melhores?

J – A maioria é assim acham que a gente não é capaz de conseguir alguma coisa melhor.

Tais fatos, de certa forma, não trazem impactos diretos aos jovens rurais, pois como relatado por Joana eles não dão importância ao que os colegas da área urbana falam. Na maioria das vezes, nem respondem aos comentários discriminatórios. Ela disse que a resposta silenciosa “dói mais” do que mil palavras.

Porém, não entende porque eles veem o jovem do campo com tantas diferenças, fazendo questão de não sentarem nem perto deles na sala de aula. Sempre surgindo comentários que, para ela, são desnecessários, como o mesmo abaixo:

L – Você acha que tem preconceito das pessoas que são dos centros urbanos com quem é da zona rural?

J – Eu acho que sim, porque ... Na escola mesmo, o tanto de gente que zoa você, de você morar na roça, que roça é aquilo, que roça é isso. Tipo... Qualquer coisa, falam assim, oh, fica quieto você é da roça... Muita coisa assim...

Há um preconceito com as pessoas que são da zona rural, conforme pode ser demonstrado na fala acima.

A busca por um futuro melhor é sempre almejado por qualquer pessoa, não é uma questão isolada dos jovens rurais, mas de todos os jovens. Atualmente, Joana está trabalhando em um supermercado como Jovem Aprendiz e disse que está gostando, apesar de pouco tempo no trabalho. Ela está desenvolvendo atividades administrativas, como, por exemplo, fazendo inspeção dos produtos, reposição de mercadoria, colando preço nos produtos, aprendendo a trabalhar com os programas de computadores para tirar preço, ver estoque etc.

Quando questionada se essa experiência no trabalho despertou algum interesse por trabalhos administrativos, ela disse que sua paixão é trabalhar com crianças; que essa vontade veio através das tias paternas que trabalham com educação infantil numa outra cidade do sul de Minas. Quando Joana fala do pai (que é o seu primeiro padrasto) ou da sua família, demonstra muita felicidade, fica empolgada com as falas, gosta de falar desse contato, diz que sua relação com essa parte da família é muito boa.

L – Como é seu relacionamento com sua família?

J – Muito boa [...] Hummm... O afeto que a gente tem com eles é diferente do que eu teria com meu próprio pai. Eu nunca tive esse afeto...

Como dito acima, ela se inspira na profissão das tias para si mesma, quer fazer pedagogia para trabalhar com educação infantil. Se for possível, quer fazer curso superior em Pouso Alegre. Disse que, se um dia for para esta cidade, vai sentir muita falta da família, da comida da mãe e tem medo das dificuldades que

pode encontrar quando partir. Na área rural, quando estão com alguma dificuldade, a família está lá para ajudar, principalmente nos problemas emocionais. Quando for embora, está disposta a trabalhar com qualquer coisa até que consiga se estabelecer. Segunda ela, as contas vão chegar e não poderá ficar escolhendo serviço, pois elas não vão esperar ela arrumar um emprego bom. Essa fala reforça o trecho apresentado no texto de Rosas (2007), que muitas vezes os jovens vão desenvolver serviço precários e mal remunerados.

Como dito num capítulo anterior, apesar de muitos jovens não quererem deixar o campo, os mesmos se veem sem opção de trabalho. No bairro Florença, os jovens entrevistados parecem demonstrar que não se veem trabalhando com atividades agrícolas. Entre os dez entrevistados, somente dois demonstraram interesse em ficar no campo, se tivesse oportunidade de emprego. No caso de Joana, ela afirma que ficaria no campo apenas se conseguisse uma vaga como professora. Depois que cursar o ensino superior, trabalharia na escola onde estudou. O trabalho na agricultura, segundo ela, exige muito esforço físico, muito além do que ela poderia suportar.

L – O que você acha do trabalho na “roça”?

J – Tipo... Eu não acho que é uma coisa ruim, eu acho que é uma coisa boa [...] É uma ajuda boa para todo mundo... Mas eu não daria conta de trabalhar na roça (risos)

E quando questionada como vê o Florença hoje, não demonstra perspectiva de futuro morando no bairro. Ela demonstra tristeza quando fala que o bairro não tem mais atrativos para os jovens, e se recorda das atividades que havia no local e diz que tudo acabou. Não tem o que fazer no final de semana.

L – Como você vê o bairro hoje?

J – Aqui hoje eu vejo que mudou para pior, porque... Tipo... Final de semana, tinha as coisas... tipo... (inaudível) Tinha um clube que era aberto, às vezes eles colocavam som, aí... tipo... muita coisa acabou. Desanimou, final de semana às vezes você vai na praça dia de sábado não tem ninguém... Domingo você vai só tem família e rapinho o povo tá indo embora. Não tem nada mais para fazer.

Mas, o que de fato foi mais relevante nas falas de Joana, foi quando a entrevista falou de como ele se via perante a sociedade quando está fora da zona rural. Sempre que eram feitas perguntas relativas a esse assunto, ela parava para

pensar e respondia muito baixo, ficando até difícil de ouvir as respostas na gravação.

L – Você acha que algo que você aprendeu aqui vai te ajudar no futuro? Algo que você já tenha enfrentado na vida?

J – (Silêncio...) Acho que vai ser... tipo... dos outros ficarem falando... Sabe?!... E julgar bastante... Tipo... Levar [...] de quem falou que eu não iria conseguir muita coisa... E eu estar conseguindo.

L – Você se sente mal por isso, isso te afeta de alguma forma?

J – Acho que não... tipo... afeta um pouco, dos outros falarem, mas, tipo, não afeta porque eles não conhecem o que é aqui, o que é viver... Só porque eles vivem em cidade, não vai ser diferente da gente daqui. Eles acham que aqui é pequeno que não tem nada, não tem evolução para nada, só porque não tem um mercado bom...

Esta última fala pareceu diferente dos momentos de quando Joana falava da família do pai, quando demonstrava muita alegria; ou de outros momentos da entrevista, quando contava das brincadeiras da infância com uma das irmãs e com o pai; das horas de lazer, seja com a família ou com as coleguinhas com as quais brincava de pique-esconde todas as noites nas ruas do bairro, das peraltices que fazia com eles. Da infância, não há reclamação. Afirma que colecionou cicatrizes nesses dezoito anos, e que cada cicatriz tem uma história específica. Essas marcas são a prova de que aproveitou a infância e foi muito “arteira”. Todas as histórias de infância foram contadas com muita empolgação.

Outro fator da sua fala, que traz aspectos tratados pelos autores, que foram utilizados como referência, é ela considerar o bairro como uma comunidade, e acreditar que ela e seus vizinhos não são seres isolados no bairro.

L – O que te atrai mais no bairro onde vive?

J – Crescer aqui... Cria uma certa afetividade [...] Aqui que eu me sinto em casa... Tipo... Aqui tem uma receptividade boa... Cada pessoa que cumprimentamos, paramos para conversar...

Quando fala do episódio da acusação do roubo das provas, mostra o quanto os jovens do bairro são unidos, que eles se ajudam sempre que é necessário, que estabelecem a cumplicidade como se fossem uma família, ou quando fala do preconceito, que não se sente mal com os comentários, pois eles não conhecem o que é “aqui”, o bairro, voltando a reforçar a união.

J - Só que o bom... tipo... a gente daqui, a gente era unido, se um tinha dificuldade, o outro ajudava, sempre ajudava naquela dificuldade do outro, sempre foi assim.... Ninguém aqui está sozinho é um pelo outro...

Em uma das falas, Joana diz que quando são “obrigados” a mudar de escola para continuar os estudos, mostram para os estudantes dos centros urbanos que graças aos colegas, conseguem superar dificuldades. Esse sentimento de coletividade é responsável por não deixar nenhum colega desamparado. Cada um aprende com a dificuldade do outro, e todos estão dispostos a auxiliar os demais em situações difíceis. Se a entrevistada pudesse escolher, ficaria no bairro, estudaria lá até o ensino superior. Todavia, essa opção não existe. Ou os jovens do bairro vão para os centros urbanos estudar ou param de estudar.

Joana, de certa forma, apesar de demonstrar a necessidade de sair da área rural e ir embora para um centro urbano, a fim de fazer pedagogia e trabalhar, demonstrou na conversa um motivo que não observei nos textos que li e nem na fala dos outros entrevistados. Querer deixar a área rural e deslocar-se para um centro urbano vai muito além de ter um emprego e um curso superior, é uma autoafirmação, uma tentativa de demonstrar capacidade.

L – De tudo que você já viveu, o que você tira de lição?

J – Todo mundo fala que eu vou desistir... Mas, eu vou vencer, eu nunca vou desistir... Tipo... Vou até o fim... Apesar de muitos falarem que não vou conseguir...

Vários trechos da entrevista revelam sua determinação. Para quem não mora na área urbana, para continuar os estudos é preciso ter força de vontade. Este aspecto se encontra no próprio cotidiano de Joana: sair de casa às 6h20, voltar para casa 12h30, com fome, sem dinheiro para comprar o que comer, isso quando o ônibus não quebra e o trajeto se torna mais demorado. Algumas pessoas acharem que os jovens rurais não são capazes apenas pelo fato de serem de uma área rural não faz sentido, a capacidade de aprendizado não é definida pela região que vive, mas pode ser influenciado pela dedicação que oferece.

Joana não quer ir embora para ser rica, mas para oferecer uma condição de vida melhor para sua família, fato almejado por todos os entrevistados que demonstraram vontade de migrar. Os familiares da maioria deles trabalham nas atividades agrícolas, em fazendas do bairro. Aqueles pais que não trabalham nas atividades agrícolas possuem algum problema de saúde, trabalham no centro

urbano, indo e voltando para o bairro todos os dias e outros trabalham com a fabricação de doces.

L – Por que você quer ir embora?

J – Eu quero ir embora pelo bairro... Mas... Tipo, por uma vida melhor, sabe?! Não por causa do dinheiro, pra ter aquela “vidona”, só uma vida [...] Não quero ser rica, quero poder ajudar eles...

Entrevistada 2 – Quero ir embora... para um dia poder voltar para ajudar o bairro, porque aqui é muito miúdo...

Entrevistado 5 - Pra ter um futuro bom de vida, ajudar meus pais e realizar meus sonhos.

Entrevistado 9 – Ah, pra ajudar minha família mesmo... Lá (centro urbano), tem mais emprego né...

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixar de lado minhas opiniões, não poder apresentá-las durante as entrevistas, foi um tanto quanto difícil. Quando não concordava com algo dito pelos jovens, queria discordar, falar o que eu achava. Porém, já havia sido orientada que meus aspectos pessoais não poderiam interferir, de maneira direta, nas conversas. Eu precisaria privilegiar a escuta das histórias, sobre o que eles diriam, sem direcionar as respostas a partir de minha perspectiva. Esse aspecto foi difícil de cumprir, mas acredito que obtive resultados. Talvez na minha expressão transparecesse meu espanto, minha indignação, raiva, alegria, não sei.

Ver o que significa ser jovem rural e porque optar por migrar, sob o ponto de vista dos outros, me fez observar aspectos subjetivos que estão fora do alcance de minha percepção imediata. Para Joana, ir para um centro urbano vai muito além de apenas conseguir um bom emprego e ajudar sua família. Joana me mostrou que pode ser, para alguns, uma afirmação de identidade, de capacidade, uma forma de mostrar para os outros que são tão capazes quanto um jovem que nasceu e viveu nos centros urbanos. Para ela, em particular, é preciso demonstrar isso para os outros, que o fato de ter vivido na área rural não a deixa em desvantagem em relação aos outros jovens.

A comunidade afetiva existente nesses locais é algo muito forte, demonstrado na fala de cada jovem. Todos querem migrar, mas também demonstram tristeza ao pensarem em deixar os familiares para “trás”, alguns até citaram que querem ter algo melhor fora dali para voltar e buscar toda a família.

A falta de atividades de lazer no bairro faz os mesmos verem os centros urbanos como mais atrativos. Alguns chegam até a falar que os centros urbanos oferecem tudo de bom, tem vários lugares para sair, comer. Para outros, o bairro poderia oferecer outras opções para os moradores, além de trabalharem em fazendas. Poderia oferecer, por exemplo, oportunidade de ser pequeno agricultor. Todavia, parece não existir essa opção.

Dentre tantas literaturas e autores(as) lidos para o desenvolvimento do trabalho, um trecho de duas conterrâneas trazem em palavras o carinho que tenho pelo meu lugar de origem. Uma delas foi minha professora de Língua Portuguesa no ensino médio, onde ela diz no livro “Memórias: um olhar no passado”:

Uma cidade é construída por gente. Pensemos nas pessoas que pisaram as ruas, estiveram sob o mesmo céu e se confortaram no abraço de nossas serras. Pessoas que construíram, demoliram, reedificaram obras. [...], trazer-nos à consciência de que somos a somatória das várias faces de um mesmo lugar e de todos aqueles que o amaram e amam; lembrar às novas gerações do afeto e do respeito necessários para que ainda aquilo que já se perdeu, jamais se perca dentro de nós (MONTEIRO, s/ data apud GIOVANNI, 2014).

No nosso bairro não é diferente. O amor pelo lugar é passado de pai para filho. Ninguém se considera um ser isolado no bairro. Vivemos como uma enorme família, ainda que a migração seja algo constante. Praticamente, todos os jovens do bairro vão embora para os centros urbanos, em busca de emprego, de prosseguir os estudos. Dentre os 10 entrevistados, a vontade de partir é corriqueira, embora sintam tristeza em pensar em sair de casa e viver longe da família. Mas, a esperança de algo melhor para o futuro os impulsiona em ir, com aquele desejo de um dia retornar para o seu lugar.

Arimateyah (s/ data, p. 92 apud GIOVANNI, 2014) traz no mesmo livro de memórias:

[...] os caminhos por onde vivemos e passamos são, e sempre serão, parte inerente de nossa história, agregando valores à nossa vivência. Os cidadãos ausentes, quando retornam a sua terra de origem, têm como norteio as construções: analisam o que mudou, e surge um misto de lembranças e admiração.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, E. Migração Rural – Urbana. **Revista de Política Agrícola**, Ano IV, N 4, 1995

ARIMATEYAH, Karol. In: GIOVANINI, Elizabeth Junho; **Projeto Memórias: Um Olhar no Passado**. São Gonçalo do Sapucaí: MM Grafh, 2014.

BERNAL, A. B.; MARTINS, A. de M. C. (Orgs.). **Formação de agentes populares de educação ambiental na agricultura familiar: Cenário socioambiental rural brasileiro e as formas de organização social e produtiva no campo e na floresta**. Vol 3. Brasília: Ministério do Meio Ambiente - MMA, 2015.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.35-51

BOMBARDI, L. M. Agrotóxico e agronegócio: arcaico e moderno se fundem no campo brasileiro. **Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos** 2012. p.75-87. Acesso em 20 de jun. 2019. Disponível em: [http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Agrot%C3%B3xicos%20e%20agroneg%C3%B3cio%20-%20arcaico%20e%20moderno%20se%20fundem%20no%20campo%20brasileiro%20\(Larissa%20M.%20Bombardi\).pdf](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Agrot%C3%B3xicos%20e%20agroneg%C3%B3cio%20-%20arcaico%20e%20moderno%20se%20fundem%20no%20campo%20brasileiro%20(Larissa%20M.%20Bombardi).pdf)

CAÇÃO, C. M. Os Anos Iniciais da Cafeicultura no Sul de Minas: Apontamentos da Imprensa Regional (1870-1890). In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA: SEÇÃO MINAS GERAIS, 2012, Mariana. **ANAI DO XVIII ENCONTRO REGIONAL ANPUH-MG**. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 20 jun. 2019

CARNEIRO, F. F. et al (Orgs.). **Dossiê Abrasco: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CLEMENTE, F.; GOMES, S. T. Impacto do agronegócio sobre o Índice de Desenvolvimento Sustentável (IDS) do Estado de Minas Gerais. **Revista de Política Agrícola**, ano XX, nº 4, 2011. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica->

[agricola/revista-de-politica-agricola/revista-de-politica-agricola-n4-2011.pdf](#). Acesso em: 26 jun. 2019

CRUZ, F. C. **Fazendas do Sul de Minas Gerais: Arquitetura Rural nos Séculos XVIII e XIX**. 2008. 358f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

Dicionário Michaelis. Dicionário escolar de língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. O Estatuto do Trabalhador Rural e o Funrural: ideologia e realidade. *Perspectivas*. Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v.1, Unesp, p.189-202, 1976.

FILETTO, F.; ALENCAR, E. Introdução e Expansão do Café na Região Sul de Minas Gerais. Organizações Rurais e Agroindustriais. **Revista de Administração da UFLA**, v.3, nº 1, 2001.

FREIRE, J. S.; CASTRO, E. Juventude na Amazônia paraense: identidade e cotidiano de jovens assentados da reforma agrária. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 215-236.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1378#resultado>. Acesso em: 30 mai. 2019

JOHNSON, A. G.; **Dicionário de Sociologia: Guia Prático de Linguagem Sociológica**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 354.

LAMARÃO, S.; MEDEIROS, L. S. **Verbetes Estatuto do Trabalhador Rural**. Fundação Getúlio Vargas – FGV, s/data. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/estatuto-do-trabalhador-rural>. Acesso em: 11 jun. 2019

MALAGODI, E.; MARQUES, R. Para além de ficar ou sair: as estratégias de reprodução social dos jovens em assentamentos rurais. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 197-214.

MENDONÇA, M. R. e THOMAZ JÚNIOR, A. A modernização da agricultura e os impactos sobre o trabalho. *Anais do XIII ENG*, João Pessoa, julho, 2002.

MONTEIRO, Rita. Prefácio. In: GIOVANINI, Elizabeth Junho; **Projeto Memórias: Um Olhar no Passado**. São Gonçalo do Sapucaí: MM Graph, 2014.

PEREIRA, J. C. A. Da migração nacional à internacional: enredos e desenredos de jovens rurais na agricultura familiar. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 149-166.

PESSOA, V. M.; RIGOTTO R. M. Agronegócio: geração de desigualdades sociais, impactos no modo de vida e novas necessidades de saúde nos trabalhadores rurais. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. São Paulo, vol. 37, nº. 125, junho, p. 65-77, 2012.

RIOS, D. R. **Minidicionário Escolar: Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010. p. 345.

ROSAS, E. N. L. Do campo para a cidade: Saindo para ficar. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 183-196.

SOARES, Wagner Lopes; **Uso dos agrotóxicos e seus impactos à saúde e ao ambiente: uma avaliação integrada entre a economia, a saúde pública, a ecologia e a agricultura**. 2010. 163f. Tese (Doutorado em Ciências na área de Saúde Pública e Meio Ambiente) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2010.

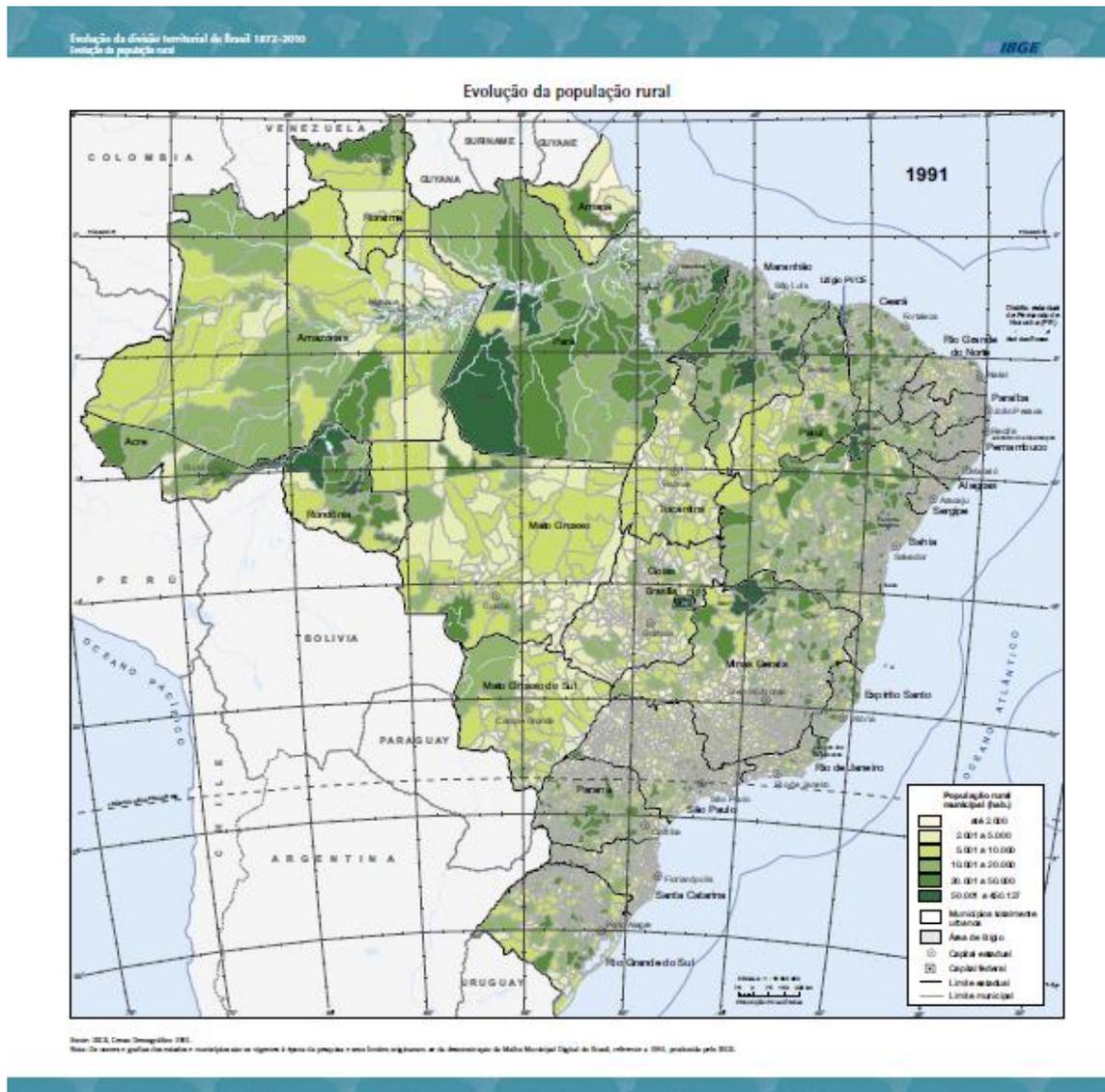
SILVA, M. S. da; MENEZES, M. A. Entre o bagaço da cana e a doçura do mel: migrações e identidades da juventude rural. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 167-181.

WANDERLEY, M. N. B. Jovens de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 21-33.

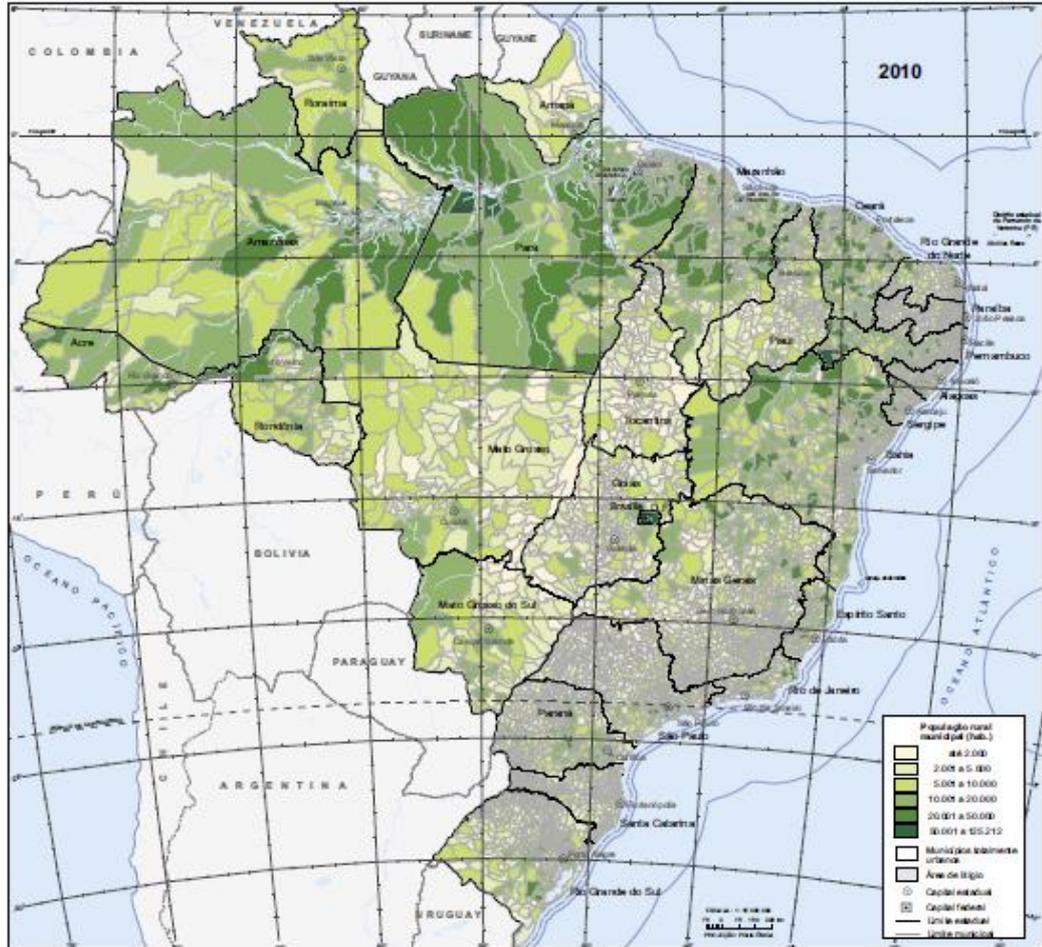
WEISHEIMER, N. Socialização e projetos de jovens agricultores familiares. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 237-251.

WELCH, C. A.; FERNANDES, B. M. Agricultura e mercado: campesinato e agronegócio da laranja nos EUA e Brasil. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (Orgs.). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 161-190. (1ª edição)

ANEXO I



Evolução da população rural



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.
 Nota: Os valores e grafismos relativos a municípios são os vigentes à época do censo, e não os dados organizados no Sistema de Informação de Mapeamento Municipal Digital do Brasil, referente a 2011, produzido pelo IBGE.